

NEGOCIANTES/"MAGWEVAS"

Sobrevivência na adversidade

WALTER MBENHANE

O FRIO que se faz sentir, actualmente, no país não consegue impedir as negociantes de se deslocarem, logo às primeiras horas da manhã, ao Mercado Grossita do Zimpeto, na cidade de Maputo, à busca de produtos diversos para a revenda.



"Magwevas" sobrevivem no meio de várias dificuldades

Trata-se de mulheres (conhecidas na zona sul por "magwevas"), que se entregam ao trabalho, tudo na tentativa de ganhar algum dinheiro para o sustento das suas famílias.

Algumas desenvolvem as suas actividades aparentemente tristes, enquanto as outras desenvolvem-na sorrindo.

Recentemente, a nossa Reportagem deslocou-se a este mercado, pouco depois das 6.00

horas de uma terça-feira, e viu mulheres e jovens de um lado para o outro à procura de melhores produtos para comprar e posteriormente revendê-los.

Nesse dia o frio estava intenso. Algumas mulheres e jovens

raparigas estavam agasalhadas e outras nem por isso. Já estão habituadas a abandonar a casa, bastante cedo, para realizarem as suas actividades.

Numa conversa com algumas delas, soubemos que

uma das maiores dificuldades deste trabalho é o período do início: madrugada. Já no local, elas encontram um pouco de tudo que precisam para que as suas actividades decorram sem sobressaltos, desde sacos

apropriados para empacotar os produtos e depois apanhar o "chapa" e/ou "my love" para seguirem aos diferentes destinos.

Uma vez no "chapa" e/ou "my love", estas mulheres vão debatendo vários assuntos, desde os de fórum familiar até ao elevado custo de vida que o país está a enfrentar. Aliás, esse último sustenta diálogos em todo o mercado.

"A vida está difícil no nosso país. Os preços estão a subir diariamente e não conseguimos ter lucros nenhuns", ouve-se nas conversas entre vendedores grossistas, retalhistas e clientes no Zimpeto.

Algumas dessas mulheres "gwevam" revendem os seus produtos mesmo no Mercado Grossita do Zimpeto, uma vez que este já perdeu o seu sentido

real. Inicialmente concebido para vender produtos a grosso,

nos últimos tempos se onfunde a sua finalidade (grossista, retalhistas e/ou as duas realidades).

O espírito de inter-ajuda é o denominador comum entre as negociantes que, nalgumas vezes, são apoiadas por homens (os chamados gai-gai) que, também, estão no local à busca de "pão" para a sua sobrevivência e das respectivas famílias.

Esta actividade de comprar produtos a grosso e revendê-los foi passada de geração em geração, daí que encontramos pessoas de várias faixas etárias, desde idosos a jovens. A maior parte deles são mulheres e jovens de baixa renda.

A actividade ganha espaço nos últimos tempos devido à falta de emprego no país, mas não é lucrativa como já foi nos tempos idos. Contudo, apesar das várias dificuldades, as nossas fontes contaram-nos que conseguem construir, sustentar a família e pôr as crianças a estudar.

Construir e sustentar as crianças



MULHERES e jovens entrevistados pelo "Notícias" foram unânimes em afirmar que com a actividade de compra e revenda de produtos diversos, no Mercado Grossista, conseguem erguer casas e sustentar as famílias.

Disseram-nos que o segredo para o sucesso é não perder o

o mais cedo possível, de modo a fazer as suas compras e voltar para o local da revenda.

A nossa interlocutora disse que está neste trabalho há dois anos, depois que o seu marido perdeu a vida. Consegue pôr as crianças a comer e estudar, apesar de algumas dificuldades

4.30 horas para comprar produtos para a minha banca. Estou a fazer este trabalho porque não consigo emprego e a vida não pode parar. O meu sonho é voltar a estudar", disse.

Falando à nossa Reportagem, Clementina Agostinho, 34 anos de idade, residente no bairro Zim-



Guilhermina Milice dedica-se à compra e revenda de produtos para ajudar a familiar



Constância Novela acorda todos os dias às 3.30 horas para conseguir chegar cedo ao "Grossista"

MULHERES e jovens entrevistados pelo "Notícias" foram unânimes em afirmar que com a actividade de compra e revenda de produtos diversos, no Mercado Grossista, conseguem erguer casas e sustentar as famílias.

Disseram-nos que o segredo para o sucesso é não perder o foco. É preciso saber, exactamente, o que quer e seguir à risca. "Nada de tentar passar por aquilo que não é. A verdade deve ser encarada como tal ela é", explicaram.

Constância Novela, 38 anos de idade, residente na Matola, zona da Mozal, província de Maputo, é viúva e mãe de quatro filhos. Contou-nos que todos os dias acorda às 3.30 horas para conseguir chegar ao "Grossista"

o mais cedo possível, de modo a fazer as suas compras e voltar para o local da revenda.

A nossa interlocutora disse que está neste trabalho há dois anos, depois que o seu marido perdeu a vida. Consegue pôr as crianças a comer e estudar, apesar de algumas dificuldades que enfrenta.

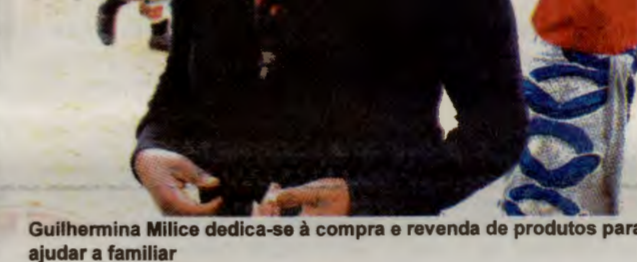
Guilhermina Milice, 22 anos de idade, residente no bairro 25 de Junho, cidade de Maputo, encontramo-la, cerca das 6.30 horas, no Mercado Grossista do Zimpeto com as compras já feitas e pronta para regressar à casa. Explicou que está nesta actividade desde 2014, ano que concluiu o nível médio e não conseguiu ingressar no Ensino Superior.

"Levanto-me todos os dias às

4.30 horas para comprar produtos para a minha banca. Estou a fazer este trabalho porque não consigo emprego e a vida não pode parar. O meu sonho é voltar a estudar", disse.

Falando à nossa Reportagem, Clementina Agostinho, 34 anos de idade, residente no bairro Zimpeto e mãe de três filhos, disse que se levanta às 4.00 horas para comprar produtos e revendê-los na sua banca, no mercado de Xipamanine.

"A ideia é ajudar o meu marido nas despesas de casa, porque o salário não chega. As despesas estão a aumentar todos os dias, disse a interlocutora, tendo acrescentado que "o custo de vida levou-me a aprender este negócio".



Guilhermina Milice dedica-se à compra e revenda de produtos para ajudar a familiar

Acordar de madrugada é a principal dificuldade

ACORDAR de madrugada para conseguir chegar cedo ao Grossista do Zimpeto é o principal constrangimento que as negociantes apontam no exercício das suas actividades.

Lúcia Guiamba, 44 anos de idade, viúva, mãe de quatro filhos e residente no bairro de Ndlavela, província de Maputo, disse que acorda às 4.00 horas e caminha cerca de um quilómetro para chegar à paragem.

"Corremos o risco de sermos assaltadas à hora que saímos de casa. Não há outra maneira, é preciso chegar mais cedo possí-

vel ao mercado para encontrar produtos de qualidade", disse.

Outra negociante é Constância Novela, 38 anos de idade, residente no bairro da Mozal, província de Maputo. Ela disse que para conseguir chegar quanto antes ao "Grossista", isto é, às 5 ou 5.30 horas é obrigada a levantar-se às 3.30 horas. "É um exercício quase que diário. Não é fácil. Às vezes sinto o corpo a doer, mas não tenho hipótese. É preciso trabalhar", disse, acrescentado que "madrugar e caminhar cerca de um quilómetro e meio é o principal constrangimento".

Nilza Helena tem 30 anos de idade e residente no bairro de Laulane, na cidade de Maputo. Sobre o seu dia-a-dia explicou que desenvolve o negócio de revenda de produtos há três anos, sendo que o principal problema é acordar muito cedo e correr o risco de ser assaltada.

"Uma vez os ladrões tentaram me assaltar quando ia ao mercado. Por isso, passei a usar o carro do meu marido para evitar estes constrangimentos. Agora o meu trabalho está facilitado porque tenho transporte pessoal", disse.



Ajudamos "magwevas" a carregar mercadoria

"GAI-GAI" é como são chamados os homens que ajudam as negociantes "magwevas" a carregar os seus produtos para os "chapas" depois de efectuarem as compras. É uma actividade que exige o uso da força, porque as mercadorias são pesadas, chegando, algumas, a pesar cerca de 80 quilogramas.

Em contacto com a nossa Reportagem, António Mungoi, carregador ou "gai-gai", disse que abraçou esta actividade há cinco anos, depois de ter perdido emprego num armazém no centro da cidade.

"Tenho 11 filhos e é através desse trabalho que consigo sustentá-los. Quando fico doente tudo pára

na minha casa, porque sou o único que trabalho", disse Mungoi, tendo acrescentado que "este trabalho é pesado, mas não sei fazer mais nada".

Um outro carregador chama-se Lucindo Daniel que, falando com a nossa Reportagem, explicou que está nesta actividade há dois anos, vindo de Quelimane onde vivia com o seu tio. Quando chegou a Maputo, procurou emprego e não o tendo encontrado decidiu dedicar-se a esta actividade. "É disto que sustento as minhas duas filhas e esposa", disse Lucindo Daniel, acrescentando que a sua jornada começa às 4.00 horas da manhã.

